

# ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS TOPÔNIMOS TOCANTINENSES NO CONTEXTO DA BELÉM-BRASÍLIA

Lynara Raquel CAVALCANTE<sup>1</sup>

Karylleila dos Santos ANDRADE<sup>2</sup>

## RESUMO

O signo, na toponímia, é direcionado pela função onomástica, identificar nomes, caracterizado pela motivação. Deve, portanto, ser encarado sob dois ângulos: a função do denominador (razões que fazem com que o falante escolha e/ou selecione um signo toponomástico, dentro de um eixo paradigmático) e a natureza do produto dessa escolha: a própria origem semântica da denominação, de modo transparente ou opaco. A função significativa dos signos é que se diferencia quando a toponímia os transforma em seu objeto de estudo. A rodovia Belém-Brasília ou BR 153 tem uma importância fundamental no processo do desenvolvimento econômico e social para a região Norte, bem como para o estado do Tocantins. É a principal via de acesso que liga o Norte a demais regiões do país. Conhecer como se deu o processo de nomeação dos municípios que foram se formando ao longo da BR 153 é também conhecer um pouco da história do estado do Tocantins: processos migratórios, misturas de culturas (sulista, nortense, indígena), mobilidade da zona rural para a zona urbana, aspectos políticos e ideológicos no processo de intencionalidade e motivação do falante na formação desses topônimos. Esta pesquisa tem como proposta, a partir da etnotoponímia, analisar e descrever os topônimos tocantinenses no contexto da Belém-Brasília: estudo dos nomes dos municípios localizados à margem da rodovia. Este estudo está vinculado ao Atlas Toponímico do Tocantins.

**PALAVRAS-CHAVE:** Etnotoponímia; Aspectos semântico-lexicais; BR Belém-Brasília; Tocantins.

## Introdução

A implementação do Plano de Metas e a determinação do governo Juscelino Kubitschek (1956–1961) em construir a nova capital do país, Brasília, fizeram surgir a necessidade de desenvolvimento de uma política dinâmica, que levasse à integração do

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Tocantins, Campus de Porto Nacional, Curso de Letras, bolsista do CNPq, Rua Antônio Ayres Primo nº 2630, CEP 77500-000, Porto Nacional, Tocantins, Brasil. Lynara.raquel@bol.com.br.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Tocantins, Campus de Porto Nacional, Professora do Curso de Letras, 108 Norte Alameda 8, lote 11, CEP 77006-110, Palmas, Tocantins, Brasil. karylleila@gmail.com.

espaço brasileiro. A partir de sua construção, o estado do Goiás passa a ter importância no cenário nacional. Para que o governo pudesse inseri-lo na política de desenvolvimento foi necessário fazer uma ligação rodoviária entre esse estado com os demais.

A rodovia Belém-Brasília ou BR 153 começou a ser construída em 1960, no governo do presidente Juscelino Kubitschek, e foi concluída em 1974. Ela tem uma importância fundamental no processo do desenvolvimento econômico e social para o estado do Tocantins, considerada a principal via de acesso que liga o Norte a demais regiões do país. É considerada a quarta maior rodovia do Brasil, ligando a cidade de Marabá (Pará) ao município de Aceguá (Rio Grande do Sul), totalizando 4355 quilômetros de extensão.

A construção da rodovia tinha como pretensão acabar com o isolacionismo que vivia essa região, sobretudo o antigo norte goiano, hoje estado do Tocantins. A expansão rodoviária era vista como uma forma de integrar geograficamente e economicamente as várias regiões do país.

Dados levantados na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – IBGE, de 1958, apontam que no antigo Norte de Goiás, hoje, Estado do Tocantins, registrara cerca de 22 municípios e 23 vilas. Segundo Andrade (2006), foram criados vários municípios com a implantação do estado do Tocantins, em outubro de 1989. Antes da divisão, eram 69 municípios, logo depois, em 1989, passaram a 79. Desse total, todos os topônimos que tinham como acréscimo o termo “do Norte” e “de Goiás”, ao final do topônimo (referência dada à região do norte de Goiás) foram substituídos por Tocantins. Ex: Paraíso do Norte → Paraíso do Tocantins. Após sua criação, foram criados mais 19 municípios, perfazendo um total de 79. No ano de 2002, o estado já possuía um total de 139 municípios.

A importância dessa rodovia para a antiga região norte de Goiás pode ser medida pelo número de novos municípios que emergiram economicamente: Araguaína, Colinas de Goiás, Guaraí, Miranorte, Paraíso do Norte, Gurupi, Alvorada, entre outros. A BR 153, ou Belém-Brasília como é também chamada, constitui para o Tocantins a principal artéria de desenvolvimento econômico, por onde circula parte de suas riquezas, com ênfase nas atividades agropecuárias. Atualmente, existem cerca de 25 (vinte e cinco) municípios localizados à margem dessa rodovia.

Esta pesquisa tem como proposta a análise e a descrição da toponímia tocantinense no contexto da Belém-Brasília: estudo dos nomes dos municípios localizados à margem da rodovia. Para tanto, contaremos com a abordagem teórico-metodológica de Dick (1990) e Andrade (2006). Para Andrade (2006), depois de caracterizado o topônimo como termo-onomástico, tornando-se sujeito às transformações morfosintáticas, comparadas a outras unidades lexicais, deve ser estudado etimológica e semanticamente nas diferentes situações comunicativas, para a devida sistematização taxionômica.

### **Signo toponímico**

Os estudos toponímicos, dentro do alcance pluridisciplinar de seu objeto de estudo, constituem um caminho possível para o conhecimento do *modus vivendi* das comunidades lingüísticas, que ocupam ou ocuparam um determinado espaço. O desenvolvimento lingüístico e intelectual, tanto da humanidade como do indivíduo, caminham juntos, sendo condição prévia para ambos a capacidade de abstração e categorização. E o aprendizado da língua é o acompanhamento, precisamente, da aquisição dessa capacidade. Quando um indivíduo ou comunidade lingüística atribui um nome a um acidente humano ou físico revelam-se aí tendências sociais, políticas,

religiosas, culturais.

O signo toponímico é motivado pelas características físicas do local ou pelas impressões, crenças e sentimentos do denominador. Além de deferir dos demais signos, no que se refere à motivação, tem particularidade específica também quanto à função.

O signo lingüístico se reserva à arbitrariedade; o signo toponímico, à motivação. O que os diferencia é a função significativa quando a toponímia os transforma em seu objeto de estudo. O signo, na toponímia, é direcionado pela função onomástica, identificar nomes, caracterizada pela motivação. Deve ser encarada sob dois ângulos: a função do denominador (razões que fazem com que o falante escolha e/ou selecione um signo toponomástico, dentro de um eixo paradigmático) e a natureza do produto dessa escolha: a própria origem semântica da denominação, de modo transparente ou opaco. (ANDRADE, 2006).

Embora o signo participe de uma natureza convencional, o mesmo não deve ser aplicado em Toponímia: ela é norteada pela função onomástica ou identificadora de lugares e tem caráter motivacional: a) intencionalidade que anima o denominador; b) origem semântica da denominação. A motivação toponímica possui um duplo aspecto que transparece em dois momentos: “primeiramente, na intencionalidade do denominador ao selecionar o nome, na qual concorreriam circunstâncias de ordem objetiva ou subjetiva”, e em seguida na origem semântica da nomeação, no significado intrínseco a ela, que se revela de modo transparente ou opaco, apontando para as mais diversas origens (DICK, 1990).

Percebe-se, nesses aspectos motivadores, a importância do elemento denominador e das razões que o fazem, no processo onomasiológico e semasiológico, “batizar” um determinado local, região, como da natureza do produto dessa escolha, ou seja, dos aspectos lingüísticos internos. Além disso, possibilita identificar estratos

lingüísticos de outros grupos étnicos. Assim o topônimo assume valores que transcendem a função identificadora.

### **Estudo onomástico**

A ciência onomástica por apresentar-se como o estudo dos nomes próprios, das suas origens e dos processos de denominação no âmbito de uma ou mais línguas ou dialectos pode filiar-se aos procedimentos da terminologia. “Topônimos e antropônimos, a partir de uma nomenclatura técnico-científica, podem ser traduzidos e interpretados como termos ou unidades terminológicas.” (DICK, 1990).

A terminologia tem na linguagem sua ciência de base. Sua finalidade é a denominação dos objetos criados no universo que se utiliza da linguagem científica, ou linguagem de especialidade. No processo de criação de um termo são necessários elementos léxico-gramaticais como na morfologia, a lexicologia e a semântica. (ANDRADE, 2006). A Onomástica pode-se dividir em Toponímia e Antroponímia.

### **Toponímia e Antroponímia**

Toponímia vem do grego topos “lugar” e onoma “nome” e estuda o nome dos lugares e designativos geográficos: física, humano, antrópico ou cultural. As particularidades da toponímia são a busca pela etimologia, o caráter semântico da palavra e suas transformações lingüística, principalmente, as fonético-fonológicas e as morfológicas.

A Toponímia de origem indígena constitui-se de nomes originários do Tupi, Aruak, Karib, Jê, Kariri, Kaingang, além de possíveis vinculações a outros grupos, talvez ainda não convenientemente estruturados. As dificuldades para o levantamento completo dos topônimos dessas procedências são explocadas pela relativa familiaridade

com tais idiomas e pelas diretrizes que norteavam as investigações toponímicas nativas, quase sempre voltadas, com exclusivismo, para as etimologias tupis, em virtude de sua reconhecida importância e significação para os estudos históricos-lingüísticos brasileiros. Grande parte dos topônimos tocantinenses são oriundos de origem indígena tupi. Ex: Xambioá, Cariri do Tocantins, Tupiratins, Goiatins, Gurupi, Guaraí, Araguacema.

Esses topônimos de origem indígena, mais exatamente os de origem tupi, da região do Tocantins, reportando-se ao caráter motivacional, são da época das entradas das bandeiras na região centro norte do país: séculos XVIII e XIX. As expressões onomásticas tupi revelam elementos da cultura material e espiritual, mas é nos aspectos físicos que observamos a influência do ambiente desse povo: Itacajá-TO, Itaguatins-TO, Araguatins-TO, Araguaína-TO (ANDRADE, 2006)

A toponímia de origem portuguesa, ou brasileira, constitui-se pela multiplicidade de traços ambientais que denuncia. Permite ao investigador um largo campo de estudos, a partir dos primitivos topônimos históricos.

Antrotoponímia é a divisão da onomástica que estuda os antrotopônimos, ou antropónimos, os nomes próprios de pessoas, sejam prenomes ou apelidos de família, explicando sua origem, evolução e variação em função de local, época e costumes.

Os antrotopônimos estão documentados e registrados em todas as raças e línguas, fazendo parte da cultura de todos os povos desde as eras mais primitivas. Apelidos ou nomes foram a forma encontrada pelos homens para distinguir as pessoas da família e da comunidade, facilitando assim, a identificação de cada um de seus membros. Inicialmente, apenas um nome era suficiente para a identificação, mas com o crescimento das famílias e a população das comunidades, alguns nomes começaram a se popularizar e a serem também usados por descendentes de outras famílias, gerando

assim, dificuldades na distinção de cada pessoa. Houve, então, a necessidade da criação de um segundo nome que acrescentado ao primeiro identificasse melhor as pessoas.

Considerando a formação dos topônimos e observando que a Toponímia e Antroponímia são co-responsáveis pela preservação dos fatos culturais em determinado espaço-temporal, funcionando com retentoras da memória de um grupo, Dick (1999) afirma que essas duas disciplinas podem se inscrever no campo da terminologia e socioterminologia. A primeira como reflexo formal da organização conceptual de uma especialidade e a segunda como “disciplina descritiva que estuda o termo sob a perspectiva lingüística na interação social” (FAULSTICH, 1995).

### **Estrutura do topônimo**

Para Dick (1990), a estrutura do topônimo pode ser discutida sob alguns aspectos intra e extra lingüísticos. Da relação do topônimo com o acidente geográfico, se estabelece uma interação íntima que compreende dois elementos básicos: elemento (termo) genérico e elemento (termo) específico. O primeiro é relativo à entidade geográfica que irá receber a denominação; e o segundo, o topônimo propriamente dito, particularizará a noção espacial, identificando-o e singularizando-o dentre outras semelhantes. Forma-se, então, um sintagma nominal justaposto ou aglutinado, conforme a natureza da língua em questão.

De acordo com a discussão teórico-metodológica, apresentada por Dick (1990), a formação dos topônimos pode-se dar de três formas:

a) *Elemento específico simples*: é formado por um único radical e pode ver acompanhado de sufixações e terminações como: -lândia, -pólis, -burgo, entre outros.

Ex: Brasilândia (TO), Barrolândia (TO), Figueirópolis (TO)

b) *Topônimo composto ou elemento específico composto*: apresenta mais de um

elemento formador, de origens diversas entre si. Ex: Porto Nacional (TO), Itacajá (TO).

*c) Topônimo híbrido ou elemento específico híbrido:* é formado por elementos oriundos de diversas línguas. Ex: Colinas do Tocantins(TO), Cariri do Tocantins.

## **Metodologia de trabalho**

A taxionomia de natureza antro-po-cultural e de natureza física, desenvolvida por Dick (1990a), servirá de referência metodológica para a realização desse estudo. Para a autora, um dos grandes problemas na definição de uma taxionomia mais precisa é o conceito de Toponímia, pois o mesmo define-se como um depositário de fatos culturais e geo-históricos que envolvem a nomeação e a significação do nome de um lugar. A seguir, o modelo taxionômico proposto por Dick (1990).

### *a) Taxionomia de natureza física*

Astrotopônimos, cardinotopônimos, cromotopônimos, dimensiotopônimos, fitotopônimos, geomorfotopônimos, hidrotopônimos, litotopônimos, meteorotopônimos, morfotopônimos, zootopônimos.

### *b) Taxionomia de natureza antro-po-cultural*

Animotopônimos ou nootopônimos, antropotopônimos, axiotopônimos, corotopônimos, cronotopônimos, ecotopônimos, ergotopônimos, etnotopônimos, dirrematotopônimos, hierotopônimos, historiotopônimos, hodotopônimos, numerotopônimos, poliotopônimos, sociotopônimos, somatotopônimos.

Além do modelo taxionômico, outras leituras e coleta dados serviram de subsídios teórico-metodológicos para a apreensão do *corpus* da pesquisa: estudo histórico, antropológico, etimológico, lingüístico, bem como um levantamento cartográfico e dados sobre o histórico de cada município diagnosticado no IBGE e na SEPLAN (Secretaria de Planejamento do Estado).

O *corpus* descrito e analisado nem sempre pode ser considerado de primeira geração. Os topônimos pesquisados podem estar atrelados diretamente ao denominador ou até mesmo às situações originais que motivaram a denominação inicial. Os aspectos demográficos, físicos e migratórios, os recortes geomorfológicos e hidrográficos e, mais recentemente, após a criação do estado, aspectos políticos e ideológicos, são considerados fatores que significam verdadeiros índices que puderam ser traduzidos em formas denominativas, compondo a toponímia indígena tocantinense.

As cartas topográficas, documentos históricos, cartografia atual do estado, registros bibliográficos coletados, são instrumentos que consubstanciam o estabelecimento das etapas relativas à desconstrução e à recriação dos próprios dados. É a partir dessa referência, utilizada no Atlas Toponímico do Brasil – ATB, no Atlas Toponímico do Estado de São Paulo – ATESP, e mais recentemente no Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado do Tocantins – ATITO, que pretendemos, neste estudo, analisar e descrever a toponímia tocantinense no contexto da Belém-Brasília: estudo dos nomes dos municípios localizados à margem da rodovia.

## **Resultados e discussões**

A partir da metodologia de trabalho e revisão de literatura, iniciaremos o estudo dos nomes dos municípios localizados à margem da BR 153, observando a classificação, a estrutura e a etimologia dos topônimos de acordo com Dick (1990).

Tendo como ponto de partida a leitura cartográfica do mapa político-administrativo do estado, datado de 2003, foram identificados e registrados todos aos topônimos, localizados à margem da rodovia. O corpus teve como procedência nomes de origem portuguesa e indígena. Foram registrados 25 topônimos que foram descritos a partir da ótica da etnotoponímia: estudo etimológico e o estudo da formação

estruturante do topônimo. Foram utilizados quatro dicionários de referência para a descrição dos topônimos:

\*SAMPAIO, Teodoro - O Tupi na Geografia Nacional.

\*\*FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.

\*\*\*HOUAISS, Antônio Novo Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

\*\*\*\*HOLLAENDER, Arnom. The Landmark Dictionary: English/Portuguese.

**Tabela I:** Descrição toponímica etimológica

TOPÔNIMOS	ETIMOLOGIA
<b>Aliança do Tocantins</b>	<p>**<i>Aliança</i> [ Do fr. Alliance]. <b>S.f.1.</b> Ato ou efeito de aliar (-se). [sin.(p.us.): aliagem.]. <b>2.</b> Ajuste, acordo, pacto. <b>3.</b> União por casamento.</p> <p>* <i>Tucan-tim</i>, nariz de tucano. Nome de um gentio que deu apelido ao rio. Pará. Goiás. Alt. Tocantim.</p> <p>*<i>Tim</i>, Ti, ponta, nariz, saliência, proa. Pode ser uma forma contrata de tinga, branco, alvo. V.Ti.</p>
<b>Alvorada</b>	<p>**<i>Alvorada</i> [De alvora'+-ada'].<b>S.f.1.</b> Crepúsculo matutino; a claridade que precede o romper do sol; arraiada, dilúculo.</p> <p>*** <b>S.f.1.</b>o desabrochar da vida.<b>2.</b>juventude.</p>
<b>Araguaína</b>	<p>* <b>s.c.</b> <i>Ará-guaya</i>, os papagaios mansos.</p>
<b>Barrolândia</b>	<p>** <i>Barro</i> [Barro+-lândia]. De or. Pré-romana, do latim barru. <b>S.m.1.</b> Argila (2 e 3). <b>2.</b> Constr. Substância utilizada no assentamento da alvenaria de tijolo em obras provisórias, obtidas pela mistura de argila, com água.</p> <p>***[-lând+ia]<b>1.</b>origem anglo-saxão, alatinados tardiamente com o recurso</p>

	do sufixo – <i>ia</i> , próprio de locativos pátrios. <b>2.</b> terra. <b>3.</b> designa qualidade, estado, propriedade, lugar
<b>Brasilândia do Tocantins</b>	<p>** <i>Brasil</i> [Brasil+lândia]. <i>S.m.</i> (<i>brasa+il</i>) <b>1.</b> <i>Bot</i> O mesmo que <i>pau-brasil</i>. <b>2</b> Cor vermelha com que as mulheres se enfeitavam. <b>S.m+f</b> Indígena do Brasil.</p> <p>***[lând+ia] <b>1.</b>origem anglo-saxão, alatinados tardiamente com o recurso do sufixo – <i>ia</i>, próprio de locativos pátrios.<b>2.</b> terra.</p> <p>**[do]Contração da preposição “<i>de</i>” (posse), com o artigo masculino “<i>o</i>”.</p> <p>* <i>Tucan-tim</i>, nariz de tucano. Nome de um gentio que deu apelido ao rio. Pará. Goiás. Alt. Tocantim. *Tim, Ti, ponta, nariz, saliência, proa. Pode ser uma forma contrata de tinga, branco, alvo. V.Ti.</p>
<b>Cariri do Tocantins</b>	<p>* <i>Cariry</i>. Corr. Kiriri, adj. Taciturno, silencioso calado. Nome de uma numerosa nação selvagem que, outrora, dominou grande extensão do Brasil, as Bahia para o Norte, concentrando-se, mais tarde, nos sertões do Nordeste. No Amazonas designa uma espécie de gavião.</p> <p>** [<i>do</i>] Contração da preposição “<i>de</i>” com o artigo masculino “<i>o</i>”.</p> <p>* <i>Tucan-tim</i>, nariz de tucano. Nome de um gentio que deu apelido ao rio. Pará. Goiás. Alt. Tocantim.</p> <p>*<i>Tim</i>, Ti, ponta, nariz, saliência, proa. Pode ser uma forma contrata de tinga, branco, alvo. V.Ti.</p>
<b>Crixás do Tocantins</b>	<p>*[<i>Krixá</i>] cujo nome ficou fixado no topônimo goiano Crixás. De acordo com Rodrigues(2002) esse é o nome que os dois povos indígenas vizinhos dos atuais Xavante dão a estes em suas respectivas línguas: em Karajá <i>Krysa</i> ou <i>Kyrysa</i> e em Tapirapé <i>Kyrytxa</i>. Isso faz pensar que os atuais Xavante ou Akwen são descendentes dos Krixá do século XVIII e não dos</p>

	<p>Chavantes de Pohl e Castelnau.</p> <p>**[do]Contração da preposição “<b>de</b>” (posse), com o artigo masculino “<b>o</b>”.</p> <p>* <i>Tucan-tim</i>, nariz de tucano. Nome de um gentio que deu apelido ao rio. Pará. Goiás. Alt. Tocantim. *Tim, Ti, ponta, nariz, saliência, proa. Pode ser uma forma contrata de tinga, branco, alvo. V.Ti.</p>
<b>Colinas do Tocantins</b>	<p>**<i>Colina</i> [Do it. Collina+s]. <b>S.f.1.</b> pequeno monte; cerro, morro, outeiro. <b>2.</b> Encosta, quebrada [C.f. culina].</p> <p>**[do] Contração da preposição “<b>de</b>” (posse), com o artigo masculino “<b>o</b>”.</p> <p>* <i>Tucan-tim</i>, nariz de tucano. Nome de um gentio que deu apelido ao rio. Pará. Goiás. Alt. Tocantim. *Tim, Ti, ponta, nariz, saliência, proa. Pode ser uma forma contrata de tinga, branco, alvo. V.Ti.</p>
<b>Fátima</b>	<p>***<i>Fátima</i>, nome de local no conselho de Vila Nova de Ourém, onde se verificaram as Aparições de Nossa Senhora entre Maio e Outubro de 1917, tendo-se determinado 13 de Maio como a data da comemoração daquele acontecimento.</p>
<b>Figueirópolis</b>	<p>**<i>Figueira</i> [do lat. Fícaria] s. f., Bot., árvore frutífera da família das moráceas; árvore silvestre brasileira.</p> <p>**O termo “<i>pólis</i>” é sufixo grego e significa “cidade” ou “povoado”</p>
<b>Fortaleza do Tabocão</b>	<p>** <i>Fortaleza</i>: (ê) [ Do occitano ant. fortalessa, fortaleza, correspondente do fr. Fortesse, ambos do lat. Fortes, ‘forte] S.f.1. Fortificação; praça fortificada; forte castelo.</p> <p>**[do]Contração da preposição “<b>de</b>” com o artigo masculino “<b>o</b>”.</p> <p>* <i>Tabocão</i>: c. Ta-bóca, a haste furada, o tranco oco. É a gramínea conhecida (bambusa). V.TA. Alt. Tapoca, Tauoca, Tabó, Tão.</p>
<b>Guaraí</b>	<p>* [c. <i>Guará-y</i>], o rio dos guarás, ou aves rubras. (Íbis); no rio das garças.</p>

	Guará, s. A garça vermelha, a ave aquática (Íbis rubra).
<b>Gurupi</b>	*[ <i>Gurupi</i> ], O rio das roças.
<b>Miranorte</b>	<p>***<i>Mira</i>: de <i>mirar</i> s. f. peça metálica na extremidade do cano de algumas armas de fogo, para regular a pontaria; instrumento de Matemática; instrumento usado em topografia para determinar distâncias e desníveis; ato de mirar;</p> <p>***<i>Norte</i>: do Angl.-Sax. <i>North</i>; s.m., um dos pontos cardeais que fica na direção da Estrela Polar; regiões que ficam na direção da Estrela Polar; vento que sopra desse ponto;</p>
<b>Nova Olinda</b>	<p>** <i>Nova S.f</i> (de novo) Notícia, novidade.</p> <p>***<i>Olinda</i> [de origem latina]. <b>S.f.</b> cheirosa, odorosa.</p>
<b>Nova Rosalândia</b>	<p>** <i>Novo S.f</i> (de novo) Notícia, novidade.</p> <p>***<i>Rosa S.f</i> (lat rosa) <b>1</b> Bot Flor da roseira. <b>2</b> Ornato com a forma dessa flor. <b>3</b> poeta Mulher formosa.</p> <p>***[-<i>lând+ia</i>]<b>1</b>.origem anglo-saxão, alatinados tardiamente com o recurso do sufixo – <i>ia</i>, próprio de locativos pátrios.<b>2</b>. terra.</p>
<b>Oliveira de Fátima</b>	<p>De acordo com Moura (1990), [<i>Oliveira</i>], é um sobrenome que tem uma dupla origem: botânica e toponímica. Na botânica corresponde à árvore da ólea, fruto destinado à produção de azeite. Na toponímia, há mais de uma localidade portuguesa, como o distrito da diocese do Porto, em Portugal.</p> <p>**prep. (lat de) Partícula de grande emprego na língua portuguesa, designando várias relações.</p> <p>***<i>Fátima</i>, nome de local no conselho de Vila Nova de Ourém, onde se verificaram as Aparições de Nossa Senhora entre Maio e Outubro de 1917, tendo-se determinado 13 de Maio como a data da comemoração daquele</p>

	acontecimento.
<b>Paraíso do Tocantins</b>	<p>**<i>Paraíso</i> [Do velho persa parideeza, ‘recinto circular’, pelo hebr. Pardes, pelo gr. Parádeisos e pelo lat. Paradisu, por via semi-edudita]. <b>S.m.1.</b> Lugar de delícias onde, ao que reza a Bíblia, Deus colocou Adão e Eva; Éden.</p> <p>**[do]Contração da preposição “<i>de</i>” (posse), com o artigo masculino “<i>o</i>”.</p> <p>* <i>Tucan-tim</i>, nariz de tucano. Nome de um gentio que deu apelido ao rio. Pará. Goiás. Alt. Tocantim. *Tim, Ti, ponta, nariz, saliência, proa. Pode ser uma forma contrata de tinga, branco, alvo. V.Ti.</p>
<b>Presidente Kennedy</b>	<p>**<i>Presidente</i> [do Lat. Praesidente] <b>adj.</b> e <b>s.m.</b>, que ou aquele que preside; pessoa que preside a uma assembléia, tribunal, junta, ou qualquer outra assembléia deliberativa; título do chefe de um Estado republicano.</p> <p>***<i>Kennedy</i> era filho de Joseph P. Kennedy, embaixador dos Estados Unidos no Reino Unido no fim dos anos 30. Foi o presidente dos Estados Unidos que lançou o desafio de chegar a Lua em uma década, que resultou no Projeto Apollo.</p>
<b>Pugmil</b>	<p>[pu’ka], de pug s.f. furar, rebentar</p> <p>**<i>mi</i><sup>1</sup> num (lat mille) <b>1</b> Dez vezes cem, um milhar. <b>2</b> Em número indeterminado; muitos, inúmeros, sem conta.</p>
<b>Rio dos Bois</b>	<p>***<i>Rio</i> <b>S.m</b> (lat rivu) <b>1.</b>Corrente contínua de água, mais ou menos caudalosa, que deságua noutra, no mar ou num lago.</p> <p>**Boi [do Lat. Bove] <b>S.m.1</b> Zool ruminante bovídeo empregado em serviços de lavoura, na alimentação do homem. <b>2</b> fig. pé de -: pessoa aferrada aos costumes antigos;conhecer o nome aos -s: ser muito entendido num assunto, saber da poda.</p>
	S.F.1.Por séculos Santa Rita de Cássia (1381-1457) foi uma das Santas mais

<b>Santa Rita do Tocantins</b>	populares na Igreja Católica. <b>**[do]</b> Contração da preposição “ <b>de</b> ” (posse), com o artigo masculino “ <b>o</b> ”. <b>* Tucan-tim</b> , nariz de tucano. Nome de um gentio que deu apelido ao rio. Pará. Goiás. Alt. Tocantim. *Tim, Ti, ponta, nariz, saliência, proa. Pode ser uma forma contrata de tinga, branco, alvo. V.Ti.
<b>Talismã</b>	<b>**Talismã</b> [Do gr. Télesma, ‘cerimônia religiosa’ pelo persa tilismat, pl. de tilism, e pelo fr. Talisman]. <b>S.m.1.</b> Objeto de formas e dimensões variadas ao qual se atribuem poderes extraordinários de magia ativa, possibilitando a realização de aspirações ou desejos. [C.F. amuleto e fetiche (1),]
<b>Wanderlândia</b>	<b>****[wander]</b> v. passear, viajar, perambular,percorrer <b>***[-lând+ia]</b> <b>1.</b> origem anglo-saxão, alatinados tardiamente com o recurso do sufixo – <i>ia</i> , próprio de locativos pátrios. <b>2.</b> terra. <b>3.</b> designa qualidade, estado, propriedade, lugar.
<b>Xambioá</b>	<b>***</b> [Xambioá], pássaro veloz. Adj. m – f Etnol relativo ou pertencente aos Xambioás, grupo setentrional de indígenas dos carijós do rio Araguaia. S.m.f. membro desse grupo indígena.

**Tabela II:** descrição da formação da estrutura dos topônimos.

TOPÔNIMO	ESTRUTURA
<b>Aliança do Tocantins</b>	<b><u>Elemento específico híbrido</u></b> <b><u>Aliança-</u></b> (morfema lexical de origem portuguesa) + <b><u>do</u></b> (contração da preposição “ <i>de</i> ”, com o artigo masculino “ <i>o</i> ”) + <b><u>Tocantins</u></b> - (Tucan-tim – morfema lexical de origem tupi) + <b><u>-s</u></b> (morfema gramatical português)
<b>Alvorada</b>	<b><u>Elemento específico simples</u></b> <b><u>Alvor-</u></b> (morfema lexical português) + <b><u>-ada</u></b> (sufixo nominalizador de

	origem portuguesa).
<b>Araguaína</b>	<b><u>Elemento específico composto</u></b> <b><u>Aragua-</u></b> (morfema lexical tupi) + <b><u>-ina</u></b> ( sufixo nominalizador de origem portuguesa)
<b>Barrolândia</b>	<b><u>Elemento específico simples</u></b> <b><u>Barro-</u></b> (morfema lexical de origem portuguesa) + <b><u>-lândia</u></b> (sufixo nominalizador)
<b>Brasilândia do Tocantins</b>	<b><u>Elemento específico híbrido</u></b> <b><u>Brasil-</u></b> (morfema de origem portuguesa) + <b><u>-lândia</u></b> (sufixo nominalizador) + <b><u>do</u></b> (contração da preposição “de”, com o artigo masculino “o”) + <b><u>Tocantins</u></b> (Tucan-tim – morfema lexical de origem tupi) + <b><u>-s</u></b> (morfema gramatical português).
<b>Cariri do Tocantins</b>	<b><u>Elemento específico híbrido</u></b> <b><u>Cariry</u></b> (morfema lexical de origem tupi) + <b><u>do</u></b> (contração da preposição “de”, com o artigo masculino “o”) + <b><u>Tocantins</u></b> (Tucan-tim – morfema lexical de origem tupi) + <b><u>-s</u></b> (morfema gramatical português).
<b>Colinas do Tocantins</b>	<b><u>Elemento específico híbrido</u></b> <b><u>Colina</u></b> (morfema lexical português) + <b><u>-s</u></b> (morfema gramatical português) + <b><u>do</u></b> (contração da preposição “de”, com o artigo masculino “o”) + <b><u>Tocantins</u></b> (Tucan-tim – morfema lexical de origem tupi) + <b><u>-s</u></b> (morfema gramatical português).
<b>Crixás do Tocantins</b>	<b><u>Elemento específico híbrido</u></b> <b><u>Krixá</u></b> (morfema lexical de origem tupi) + <b><u>do</u></b> (contração da preposição “de”, com o artigo masculino “o”) + <b><u>Tocantins</u></b> (Tucan-tim – morfema lexical de origem tupi) + <b><u>-s</u></b> (morfema gramatical português).

<b>Fátima</b>	<b><u>Elemento específico simples</u></b>  <b><u>Fátima</u></b> – ( morfema lexical)
<b>Figueirópolis</b>	<b><u>Elemento específico simples</u></b>  <b><u>Figueira-</u></b> (morfema lexical de origem latina) + <b>-pólis</b> (sufixo nominalizador).
<b>Fortaleza do Tabocão</b>	<b><u>Elemento específico híbrido</u></b>  <b><u>Fortaleza-</u></b> (morfema lexical português) + <b>do</b> (preposição de+o) + <b>Tabocão</b> (morfema lexical de origem tupi).
<b>Guaraí</b>	<b><u>Elemento específico simples</u></b>  <b><u>Guaray-</u></b> (morfema lexical de origem tupi). A perda do grafema “y” se deu em virtude da não existência de seu correspondente na língua portuguesa, esse fato levou a sua substituição pela vogal tônica “i” originando o morfema lexical <b>Guaraí</b> .
<b>Gurupi</b>	<b><u>Elemento específico simples</u></b>  <b><u>Gurupi</u></b> – (morfema lexical de origem tupi)
<b>Miranorte</b>	<b><u>Elemento específico composto</u></b>  <b><u>Mira-</u></b> (morfema lexical) + <b><u>Norte</u></b> (morfema lexical)
<b>Nova Olinda</b>	<b><u>Elemento específico composto</u></b>  <b><u>Nova -</u></b> (morfema lexical) + <b><u>Olinda</u></b> (morfema lexical).
<b>Nova Rosalândia</b>	<b><u>Elemento específico composto</u></b>  <b><u>Nova-</u></b> (morfema lexical de origem latina) + <b>-<u>Rosa</u></b> (morfema lexical de origem latina) + <b><u>-lând</u></b> (sufixo origem inglesa) + <b><u>-ia</u></b> ( sufixo nominalizador de origem portuguesa).
	<b><u>Elemento específico composto</u></b>

<b>Oliveira de Fátima</b>	<b><u>Oliveira-</u></b> (morfema lexical) + <b><u>de</u></b> (preposição) + <b><u>Fátima</u></b> (morfema lexical)
<b>Paraíso do Tocantins</b>	<b><u>Elemento específico híbrido</u></b> <b><u>Paraíso-</u></b> (morfema lexical de origem portuguesa) + <b><u>do</u></b> (contração da preposição “de”, com o artigo masculino “o”) + <b><u>Tocantins</u></b> (Tucan-tim – morfema lexical de origem tupi) + <b><u>-s</u></b> (morfema gramatical português).
<b>Presidente Kennedy</b>	<b><u>Elemento específico composto</u></b> <b><u>Presidente-</u></b> (morfema lexical de origem latina) + <b><u>-Kennedy</u></b> (Morfema lexical)
<b>Pugmil</b>	<b><u>Elemento específico híbrido</u></b> <b><u>Pug-</u></b> ( morfema lexical de origem tupi) + <b><u>-mil</u></b> (morfema lexical português)
<b>Rio dos Bois</b>	<b><u>Elemento específico composto</u></b> <b><u>Rio-</u></b> (morfema lexical português) + <b><u>dos</u></b> (preposição) + <b><u>Boi</u></b> (morfema lexical português) + <b><u>-s</u></b> ( morfema gramatical português).
<b>Santa Rita do Tocantins</b>	<b><u>Elemento específico híbrido</u></b> <b><u>Santa Rita-</u></b> (morfema lexical) + <b><u>do</u></b> (contração da preposição “de”, com o artigo masculino “o”) + <b><u>Tocantins</u></b> (Tucan-tim – morfema lexical de origem tupi) + <b><u>-s</u></b> (morfema gramatical português).
<b>Talismã</b>	<b><u>Elemento específico simples</u></b> <b><u>Talismã-</u></b> ( morfema lexical português)
<b>Wanderlândia</b>	<b><u>Elemento específico simples</u></b> <b><u>Wander-</u></b> (morfema lexical de origem inglesa) + <b><u>-land</u></b> (sufixo de origem inglesa) + <b><u>-ia</u></b> (sufixo nominalizador português).
	<b><u>Elemento específico simples</u></b>

<b>Xambioá</b>	<b>Xambioá-</b> ( morfema lexical de origem indígena).
----------------	--

### **Considerações finais**

Como resultado da pesquisa, observou-se que, na maioria das ocorrências, os topônimos tocantinenses localizados às margens dessa rodovia apresentam estruturas simples (Araguaína-TO), compostas (Nova Rosalândia-TO) e híbridas (Aliança do Tocantins). Notou-se que grande parte deles são de origem indígena ou portuguesa, associados a vocábulos de outros idiomas. Nesse levantamento de dados, aqui apresentado, mereceram destaque os morfemas formados por substantivos tupi, unidos a morfemas gramaticais de origem portuguesa, como também, os substantivos próprios.

Os municípios que se formaram, nesse contexto, absorveram as diferenças culturais que misturaram hábitos e modos de vida de povos de várias procedências, nortistas, sulistas, indígenas. Essa mistura resultou em uma nova cultura, com particularidades que foram se desenvolvendo ao longo da trajetória que se traçou a partir da necessidade de convivência entre essas diferentes culturas.

Com este estudo, percebeu-se a importância do aprofundamento teórico-metodológico do campo da onomástica, como ênfase no estudo da etnotoponímia. Uma nova fase dessa pesquisa se inicia. Nela será realizada a análise de 25 fichas lexicográfico-toponímicas do corpus, já catalogado e identificado. Espera-se realizar um estudo com base na lexicologia, semântica e morfologia. Serão considerados os seguintes elementos: localização geográfica do município, topônimo, etimologia, taxionomia, entrada lexical, estrutura morfológica, histórico, informações enciclopédicas, contexto situacional, fontes, o nome da pesquisadora e da revisora e a data da coleta dos dados.

## **Referências bibliográficas**

ANDRADE, Karylleila dos Santos. Atlas toponímico de origem indígena do estado do Tocantins. 2006. 210p. Tese de doutoramento FFLCH/USP, São Paulo, 2006.

AQUINO, Napoleão Araújo. A construção da Belém-Brasília e suas implicações no processo de urbanização do Estado do Tocantins. In: GIRALDIN, Odair. A (trans) formação histórica da Tocantins. Goiânia/Palmas: UFG/Unitins, 2002.

BRASIL. Secretaria de Planejamento da Presidência da República. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Diretoria de Geodésia e Cartografia, Superintendência de Cartografia. Rio de Janeiro. 1970.

DICK, Maria. Vicentina de Paula do Amaral. A motivação toponímica e a realidade brasileira. São Paulo: Arquivo do estado de SP, 1990.

FERREIRA, Aurélio. Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. 1.ed. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2001.

MOURA, Antonio de Paiva. A família Moura e seus colaterais. Belo Horizonte, 1999.

NASCENTES, Antenor. Dicionário etimológico da língua portuguêsã. 1ª e única ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1932.

PALACÍN, S.J., Carlos; PISANESCHI, Nilo. Santo nosso de cada dia, rogai por nós!. São Paulo: Loyola, 1991.

SAMPAIO, Theodoro. O tupi na geografia nacional. 5.ed. Corrigida e aumentada. São Paulo: E. Nacional, 1987.

TOCANTINS. Atlas do Tocantins: subsídios ao planejamento da gestão territorial / Secretaria do Planejamento e Meio Ambiente. Diretoria de Zoneamento Ecológico-Econômico – DEZ. Palmas, SEPLAN, 1999.